



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: O nosso Conservatorio — O Vira — O museu de Colonia — Noticiario

## O nosso Conservatorio

(Conclusão)

O musico militar tem a sua vida e a sua educação musical na caserna. Sem gosar de nenhum genero de considerações especiais, sujeito a clausulas regulamentares e disciplinares que constantemente o collocam em conflito com os principios da sua arte, nem é artista nem é militar, é um ser social hibrido, uma especie de corpo estranho indeterminado dentro da sociedade quer civil quer militar. As reformas a introduzir na educação dos musicos militares, carecem de mais largo estudo que o que pode aplicar-se ao curto espaço que occupam estas referencias relatorias, e deve ser do cuidado não só das entidades artisticas mas militares para o bom entendimento de conclusões e formulas indispensaveis á boa mecânica da disciplina militar e da arte musical.

A educação do musico na caserna, confiada a outros musicos de gradação superior, é completamente imperfeita e descurada, perfeitamente destituida d'escolastica e de raciocinio, n'uma palavra: sem arte, sem filosofia, nem orientação. E comtudo, nesse menos que rudimentar sistema d'ensino, completamente material e nada scientifico, vimos aparecer verdadeiras notabilidades que pela sua expontaneidade pode dizer-se adivinharam por instincto o que por certo nunca lhes explicaram.

Os governos teem concedido um numero restrictissimo de licenças para os musicos militares frequentarem as classes do Conservatorio. Pois essas licenças teem sido de tão grande utilidade, que os favorecidos da sorte teem conquistado, todos, os logares de chefes de banda, com prejuizo dos musicos da fileira, que rastejam quasi sempre pela proximidade das classificações.

E, na verdade, como poderá um musico pratico lutar, no campo scientifico, com o musico teórico sabedor das causas e efeitos da musica e antevendo os vastos horisontes futuros da arte? Impossivel! Ora organizados os cursos nocturnos, permitida a frequencia a todos os musicos militares, estes além da vantagem de os roubarmos ao embrutecimento da caserna, aperfeiçoar-se-iam não só nos principios elementares e complementares da harmonia como no estudo dos instrumentos de que são providas as bandas militares. D'este modo a lei seria igual para todos, as bandas seriam compostas d'artistas, que poderiam enriquecer as nossas orquestas, e seria este o segundo passo para a civilização artistica das bandas militares, uma vez que o primeiro foi incontestavelmente o de o bom senso ter gradação com a patente de oficial os chefes de banda.

Não deverá ficar no esquecimento, nas bandas militares, a educação extra-musical aos aprendizes de musica, pois sendo esta arte imperfeita sem varios estudos complementares, succede que o musico militar chega a atingir o grau de musico

de 1.<sup>a</sup> classe e ás vezes de sub-chefe de banda no grau de quasi puro analfabetismo, o que, como pode prever-se, é causa de graves perturbações na classe e a não poderá nunca nobilitar artistica nem socialmente.

Todas estas reformas se concentram afinal apenas em dois pontos: uma direcção intelligente, despida de vaidade e de falsos preconceitos e o bom acolhimento e auctorisação do Governo para que a mesma direcção possa tornar esse sonho realidade pratica.

O Conservatorio dispõe de recursos e fontes de receita inúmeras, que até hoje teem sido desprezadas, quando sem encargo algum para o Governo com elas se pôde fazer face a todas as modificações e melhorias apresentadas, dando ainda os meios com que poderá criar-se uma succursal artistica no Porto.

Encarar as vantagens que adviriam á arte portugueza da fundação d'um outro estabelecimento d'ensino musical no paiz seria superfluo.

Em Portugal, a tendencia musical originaria, com as suas variadissimas *nuanças* pôde dividir-se em duas correntes bem distinctas: a das musicas das regiões montanhosas e paisagem interior, e a das grandes planicies e regiões litoralicas.

São exemplo da primeira as léves canções minhotas e durienses, impregnadas d'uma ternura lirica incomparavel e d'uma espécie de volubilidade ritmica; são-no da segunda os pesados, monótonos cantares alem-tejanos, d'um extensão que toca os prelúdios e *smorzandos* da opera, e a tendencia extensiva do ritmo e a visão de saudade gemente que ha nas canções do Algarve, profundas como os soluços do mar, que evocam as lendas do Mar Tenebroso, as nossas tendencias d'aventura e as saudades sepultando-se e reerguendo-se constantemente na imensidade das aguas.

A fundação d'um Conservatorio no Porto trar-nos-ia o estímulo entre duas escolas perfectamente diversas, que bem poderiam vir a chamar-se a Escola do Norte e a Escola do Sul.

Os artistas do novo Conservatorio ver-se-iam entre essa aluvião de cantares, que certamente influiria nas suas aptidões para a formação d'uma musica perfectamente nossa, determinada pela corrente musical do norte, ao passo que aos do sul o mesmo sucederia, com as tendencias da musica extremenha, alem-tejana e algarvia.

Da fusão d'essas duas tendencias norte

e sul, no decorrer dos tempos, brotaria necessariamente a compleição da arte musical portugueza.

E' claro que para tal não nos limitariamos a contar com os elementos musicais mecânicos, os musicos d'oficio, mas teriamos de dar incentivo a todas as entidades que pelo seu talento e tendencias artisticas provassem ser preciosas. Aqui entraria a ação do Estado protegendo e estimulando tanto quanto possivel as aptidões.

Um dos assuntos que ultimamente temos notado é o entusiasmo com que se pensa em organisações de massas corais, mas, infelizmente, emquanto o canto coral não surgir espontaneamente do povo, todas as tentativas serão frustradas.

O caracter português é concentrado e procura no isolamento a liberdade: foge do contacto da intimidade alheia para reunir no seio da familia toda a sua expansão.

Predomina na Alemanha o canto coral, porque a vida ali é diversa; a conjugação do elemento operario é ali notada desde a maior á mais pequena fabrica. Ahi vamos encontrar o operario nas horas de descanso cantando em côro as suas canções predilectas. Entre nós o que vemos? Nos centros fabris, ao findar o trabalho ou nas horas de descanso, os operarios saem, afastando-se uns dos outros, atrahidos por qualquer divertimento illusorio da taberna, que os reduz e á raça, pouco a pouco, ao aniquilamento. O parecer dos nossos operarios é triste, acabrunhado. Quem os vê tem a impressão de que mais contempla presidiarios do que entes nobilitados pela grande religião do trabalho.

Quando, mercê da melhoria das suas condições economicas, entre o operariado alvorecer o descante e alegria, então o canto coral será o seu companheiro e entre operarios lavrará maior fraternidade, mas para lá chegar é necessario formar o estímulo, sociabilisar a chamada classe obreira, e nada melhor para tal, que o desenvolvimento do gosto pela musica, essa arte tão bela que é comprehendida e apreciada ainda pelos mais ignorantes e que faz parar e enternecer até as proprias fêras.

Para complemento do desenvolvimento da musica no nosso paiz poderiam ser instituidos cursos musicais e dominicais populares, onde as camadas obreiras; e principalmente as gerações novas, seus filhos, que serão futuros operarios, enverdessem pela tendencia da arte.

Talvez por estas considerações, ao parecer utópicas, nos apódem de empiricos.

Paciencia! Também parecia ha anos utopia a realização de cursos campesinos para analfabetos, e surgiu entre nós uma associação benemérita, a «Associação das Escolas Moveis pelo método de João de Deus», que por todo o paiz tem reduzido o analfabetismo e que é abençoada por toda a parte por onde passa, deixando o primeiro rasto de luz da nossa civilização.

E' assim que, se não nos enganamos, deve tratar-se da questão a sério, e não com paliativos ou evasivas, e se outra vantagem não colhermos com a factura d'este longo relatorio, ao menos sirva-nos ele de descargo de consciencia, por termos cumprido o nosso dever moral de elucidar como sentimos.

Talvez as nossas palavras sejam conculcadas, mas impelidos pelo desejo de vermos o engrandecimento da escola onde ha 45 anos servimos, na mais adstricta missão de professor d'ensino programatico, como o mais obscuro obreiro, não podiamos deixar de aproveitar o ensejo que pela primeira vez se nos oferece, de expôr a nossa humilde opinião, reclamando a urgencia da reforma da Escola de Musica em Portugal e protestando contra o descaramento e indiferentismo daqueles que, apesar da sua insciencia, teem sabido alcançar o poder superior da direcção artistica e administrativa desta escola, elevando-se abroquelados pelo favoritismo, com prejuizo da arte e dos artistas.

E para que não se duvide do que nestas linhas fica exposto, termina o autor delas, dizendo, que projecto de reforma e orçamentos estão ao dispôr, em seu poder, para quem, com competencia, os queira consultar.

Lisboa, 23 d'Abril de 1913

MATTA JUNIOR.



## O Vira

Não se trata positivamente da ingenua e suggestiva chorégraphica das provincias nordicas do paiz. E' do *vira*, do *virador de paginas* que te vimos falar, amigo leitor, e por isso vamos extrahir d'uma excellente revista franceza (*Le Monde Musical*) alguns periodos que a proposito d'esse comparsa das salas de concerto, nos revelam uma observação justa e por vezes picanté.

Quando um cavalheiro se senta publicamente ao piano, e se propõe executar a obra d'um outro cavalheiro, só tem dois modos de desempenhar-se da perigosa tarefa: ou tem a peça na cabeça ou a tem deante dos olhos. E n'esta ultima hypothese, impõe-se uma nova verdade de flagrante evidencia: e vem a sêr que lhe é difficil, se não impossivel, fazer evolucionar as folhas do seu texto, visto ter as duas mãos occupadas nas diversas operações do combate, ou se quizerem, da execução.

E, d'esta verdade incontroversa, se deduz que ao lado do cavalheiro executante, é mister collocar uma outra entidade, exclusivamente encarregada de lhe virar as folhas.

Reconhecida a necessidade da existencia d'este virador, ou *vira*, como por abreviatura lhe chamam alguns, falta saber a quem nos devemos dirigir para o desempenho d'este papel de pura mimica.

Para os olhos do vulgo, *virar a folha* é uma função meramente subalterna que não exige nenhuma aptidão particular, a não ser conhecer algumas notas de musica. Para os melhores conhecedores de coisas musicas não é sufficiente essa elementar tintura; é preciso ser-se bom leitor e tambem um pouco executante. Mas, tanto uns como outros, ligam realmente pouca importancia ao tal *vira*.

E afinal o bom virador é uma *avis rara*, onde ha que reunir um conjuncto de qualidades e talentos, que difficilmente se encontram n'uma só creatura.

Qual é a missão do virador? Virar paginas de musica. Até ahi estamos bem. Mas resta saber *quando* e *como* as ha-de virar... E ahi começa o caso a complicar-se.

Qual o *momento*? Toda a difficuldade da *arte* de voltar paginas reside n'este terrível dilemma: demasiado cedo ou demasiado tarde. O pianista chegou ao fim da pagina — as notas succedem-se — não tardará que as ultimas notas da pagina estejam lidas — e os seus olhares cairão no... vacuo. E' forçoso que n'esse exacto momento se torne visível a primeira linha da pagina seguinte.

Ora de duas uma. Se se espera que o pianista tenha terminado *de todo* uma pagina para effectuar a volta, n'este caso, por muito rapido que seja o movimento, ha-de haver uma lacuna durante a qual o pianista não tem musica alguma deante de si. Comprehende-se a razão d'este effeito desastroso. O pianista lê sempre *anticipadamente* e por isso é preciso voltar-lhe a pagina *antes* que chegue ao fim.

Mas precisemos este *antes*. Se se volta

demasiado tarde, o mesmo succederá com as primeiras linhas da pagina seguinte.

E' preciso portanto virar no momento em que o artista tenha *lido* — e não *tocado* — a ultima nota da pagina que se pretende voltar. Como determinar esse momento? Isso depende de circumstancias varias, que correspondem a outras tantas qualidades do virador e que são :

1.º — A rapidez do movimento ; é inutil dizer-se que se o movimento é vivo, é preciso voltar mais cedo do que se fôr lento, visto que o concertista se vê obrigado a lêr mais rapidamente.

2.º A maior ou menor difficuldade de leitura ; se ha muitas notas, muitos accidentes, etc., é evidente que é preciso dar mais tempo ao executante e portanto voltar o mais tarde possível.

3.º — A maior ou menor naturalidade como se succedem as harmonias. Se se trata de encadeamentos correntes, se a resolução das dissonancias se effectua normalmente, o artista *adivinhará* por assim dizer o fim do compasso e pôde portanto apressar-se a operação.

4.º — Finalmente — esse é um ponto bastante espinhoso — a maior ou menor rapidez de leitura do individuo, como quem dissesse a sua *equação pessoal*.

E' preciso adivinhar o homem, procurar vêr e sentir como elle, e apreciar por sympathia especial o momento exacto em que elle deseja ter a sua pagina voltada. E isso exige um tacto, uma intuição e uma intelligencia absolutamente excepcionaes.

Como se vê não são poucas as qualidades que se requerem para o modesto *vira* : Será *bom musico, executante, harmonista e psychologo*. E ainda não é tudo.

Dado que o nosso virador tenha determinado com justeza qual o momento de voltar a pagina, como ha-de fazer o movimento material? Isto é, *como* ha-de voltar? Em primeiro lugar, é preciso que isso se faça do modo o menos incommodativo e mais rapido, visto que o movimento, em si, occasiona sempre uma certa perturbação. E visto que a determinante d'esse gesto tão simples é pôr rapidamente á vista do tocador o compasso que elle tem de executar, assignemos á mão do virador um itinerario justo. O seu lugar é á esquerda do executante. Para colher delicadamente o canto da pagina, tem que passar o braço pela frente do executante, e tomar ou o angulo inferior da mesma pagina ou o angulo superior. No primeiro caso irá interceptar o raio visual do tocador, impedindo-o de vêr o teclado e a ultima linha da musica durante um lapso de tempo bas-

tante apreciavel. Não ha que vêr : é sobre o canto superior que convem operar, levantando o braço o mais possível para não perturbar a vista do executante. Alem d'isso, antes de voltar convirá dobrar largamente o canto superior para que o pianista possa ter *ao mesmo tempo* na sua presença o fim de uma pagina e o principio da outra. Passado o momento perigoso, effectuar-se-ha então a volta, n'um gesto decisivo e rapido, gesto auctoritario de general em chefe que commandasse o ataque com a consciencia das proprias responsabilidades. Só depois de ter reconhecido que a sua folha está perfeitamente assente no caderno, que não ha transparencias perturbantes, etc., é que o nosso homem (ou senhora, bem entendido), pôde retomar a sua attitude grave e o seu mutismo respeitoso, não isento de dignidade.

Como vês, querido leitor, temos mais duas qualidades a juntar á bagagem do bom virador — *decisão e habilidade manual*. Mas ha ainda mais e se julgas que o virador está ali sómente para *virar* enganaste redondamente. Ha uma serie de acontecimentos, em que pôde estar envolvido, e tanto mais graves quanto, na maior parte das vezes, se não podem prevêr.

A musica compõe-se, como toda a gente sabe, de duas paginas collocadas ao lado uma da outra e occupando portanto uma certa extensão na estante. Se se tratar de uma passagem ardua, o pianista terá necessidade ou pelo menos satisfação em ter a notação musical o mais proxima possível dos olhos e bem na sua frente : n'este caso o virador prestar-lhe-ha um bom serviço fazendo correr ligeiramente o caderno de modo a que o raio visual do tocador se encontre em esquadria com a passagem delicada. Ora essa operação não tem nada de facil. Se fôr feita vagarosamente a deslocação do caderno, haverá um periodo de tempo em que o concertista não poderá distinguir quaes as notas que tem a executar, antes as verá fugir umas atraz das outras, n'uma sarabanda que não tem positivamente nada d'agradavel. Necessita-se pois de um movimento secco, preciso, mas não brusco, de modo a operar a mudança quasi instantaneamente — unico modo de não perturbar ou prejudicar o bom seguimento da execução.

Outras difficuldades podem surgir : paginas rasgadas, a queda intempestiva da musica, côrtes voluntarios ou involuntarios, emfim circumstancias diversas de que se torna impossível prevenir o bom do *vira* e que podem colloca-lo em situação não pouco embaraçosa.

Lucien Chevallier, o espirituoso cronista do *Monde Musical*, cujo interessante artigo acabámos de resumir, termina por lastimar que não haja um unico Conservatorio que conte uma classe de... *virador de vaginas!*



## O Museu de Colonia

Vae inaugurar-se em 20 de outubro o grande museu de instrumentos antigos, fundado por Wilhelm Heyer, e ao qual já aqui alludimos mais de uma vez. Alem de varias peças preciosas que o opulento organisador conseguiu obter por diligencia propria, encontram-se ali reunidas a celebre collecção de Paul de Witt, de Leipzig, uma parte (?) dos instrumentos de Alexandre Kraus, de Florença, e a collecção Ibach.

Pelo volumoso e bem ordenado catalogo, de que já estão em nosso poder os dois primeiros volumes, se pode ajuizar da excepcional importancia e grandeza do novo museu, que vae constituir mais um singular attractivo para os muitos visitantes da linda cidade rhenana. A collecção é do mais alto valôr archeologico e artistico: ali se encontram todas as familias instrumentaes, representadas não só pelos typos correntes e conhecidos como tambem por exemplares que raramente se encontram em outros museus. Junto ao edificio ha uma officina de reparações, em que alguns operarios habeis se encarregam de reconstituir as peças deterioradas, copiar raridades de outros museus, etc.

O novo museu de Colonia, pela riqueza das suas collecções e pela excellencia da sua organização, não teme confronto com qualquer dos outros grandes museus da especialidade. O seu catalogo, coordenado pelo conservador do museu Georg Kinsky, é um verdadeiro monumento de paciência e de aturado estudo. Só se lhe pode comparar o que Victor Mahillon elaborou para o museu de Bruxellas e que conta hoje quatro volumes em 8.º, mas estes, feitos successivamente e a varios annos d'intervallo, peccam pelas constantes rectificações e *redites*, que tornam o catalogo um tanto confuso e de consulta arriscada quando se não tenha a precaução de examinar

minuciosamente os quatro volumes para cada assumpto que se queira estudar.

E' esse inconveniente que não tem o catalogo Kinsky, feito d'um jacto e com material já largamente estudado por precedentes investigadores e eruditos d'inconscusa auctoridade, como o proprio Mahillon e outros que a esta especialidade se tem consagrado.

Não temos á mão n'este momento senão o segundo volume do grande catalogo de Georg Kinsky, mas um rapido exame do que n'elle se contém poderá dar ao leitor curioso uma ideia aproximada da importancia do museu, da riqueza e variedade das peças que o compõem e do meticuloso cuidado que presidiu á sua escolha.

Não trata este 2.º volume senão d'instrumentos de cordas (sem teclado) — harpas, citharas, alaúdes e seus congéneres, guitarras, cistros, e toda a vasta familia dos instrumentos d'arco.

Os primeiros numeros descriptos são uma preciosa harpa de Pietro Corsini, com a data de 1652, e outra de fabrico talvez anterior (trabalho allemão) com 2 pedaes. Das harpas chromaticas, que muitos julgáram invento contemporaneo, ha 3 exemplares raros — uma do seculo XVII, tambem com dois pedaes, outra de Giovanni Vettorazzo, datada de 1793, com uma enorme caixa de resonancia, e outra de pequeno formato, apenas com 28 cordas. Seguem-se duas harpas duplas, respectivamente dos sec. XVII e XVIII; as arpanettas, entre as quaes uma de Antonius de Migliais (1703) e outra de Theodorus Viecker (1720); sete harpas simples, sem pedaes; as de pedaes assignadas por Renault y Chatelain (1790) Sebastião Renault (1802) Erard Frères (1822) e outros; A harpa digital do proprio Edward Light, seu pretendido inventor; e finalmente cinco harpas eolias, dos sec. XVIII e XIX.

Das citharas allemans e outras do mesmo genero, ha profusão. O instrumento, divulgado nas populações bavaras e austriacas, a ponto de considerar-se o instrumento nacional por excellencia, está tão pouco vulgarisado entre nós que preferimos manter, para as suas diversas variedades, a nomenclatura original. Citemos portanto o *scheitholt*, antiga cithara bavara, a *bûche* ou espineta dos Vosges, as *kratzithern*, provenientes da Baviera e do Tyrol, que affectam formas as mais variadas, as *schlagzithern* nos seus typos tradicionaes de Salzburgo e de Mittenwald, as citharas em forma de lyra, de guitarra, etc., as citharas duplas, as *konzertzithern*, as *accordzithern*, a *klaviaturzither*, o *aliquodium*, as

*harfenzithern*, as *streichzithern* em forma de coração, o *streichmelodion* e... *j'en passe*.

Occupá-se de alaúdes a secção immediata do brilhante catalogo, que seja dito de passagem, é ricamente editado e contém grande quantidade de gravuras não só de instrumentos musicos mas tambem de quadros allusivos, retratos d'artistas, etc. E' especialmente rica esta secção. Entre os exemplares reunidos, sabe Deus á custa de que fadigas, contam-se alaúdes de Vvendelio Venere (1551), Vendelinus Tiefenbrucker (1559), Matteo Sellas, Joachim Tielke (1676), Thomas Edlinger e Bartolomeo Eberspacher, ambos do sec. XVII—dois alaúdes theorbados do sec. XVIII—duas theorbas de Joh Christ. Hoffmann, do mesmo seculo, entre outras de varias proveniencias e datas—um raro *chitarrone* de Petrus Albertus (1598), junto a outros dois de epoca posterior— a theorba sueca, representada por exemplares dos sec. XVIII e XIX— a theorba russa ou torbana, de que ha apenas um curioso especimen— as elegantes pandurinas, das quaes duas com as assignaturas preciosas do florentino Stefano Franco (1692) e do romano Giovanni Smorzzone (1722)— as mandoras do sec. XVIII— os *colascioni* e o seu diminutivo, o *mezzo-colascione*— seis guitarras do sec. XVII, entre as quaes uma de Matteo Sellas— as guitarras *en bateau*— as dos sec. XVIII e XIX, de typo italiano, francez e espanhol— as de fantasia com corpo de alaúde, de bandurra, de cistro, transformadas em geral de antigos instrumentos cahidos em desuso— as lyras-guitarras, nos seus tres estylos conhecidos— um machete do madeirense Octaviano (*sic*) João Nunes— as guitarras theorbadas e guitarras-baixas— *harp-lute* de Edward Light, emparelhando com varios outros typos extravagantes, que não passaram de tentativas mais ou menos felizes— os cistros, que nós transformámos em *guitarra portugueza*, e de que ha preciosos exemplares de Le Blond (1772 e 1773), Deleplanque (1773), Longman & Broderip, etc.— os cistros com teclado— dois archicistros— os cistros da Turingia— uma pandora reproduzida de antigo instrumento italiano— um *penorcon* e um *orpheoreon*, copiados do tratado de Pretorius— bandolins de varias provincias italianas, entre os quaes um do sec. XVII— mandolas e *mandoloni*— balalaikas russas— salterios, dos quaes um de 1514, assignado pelo bolonhez Carolus Magnoni— e varios outros instrumentos da mesma indole.

(Continúa.)



## PORTUGAL

Partiu para Milão, afim de concluir os seus estudos lyricos, a distincta amadora portugueza, sr.<sup>a</sup> D. Hortense Fontana.

\* \* \*

A *Associação de Classe dos Musicos Portuguezes* projecta para 12 do proximo Outubro uma *matinée symphonica*, em que serão executadas exclusivamente obras de compositores portuguezes. No programma figuram composições dos srs. Flaviano Rodrigues, Manoel Tavares, Venceslau Pinto, David de Sousa, José Henrique dos Santos e Filippe da Silva.

A festa deve effectuar-se no Theatro Nacional.

\* \* \*

Está novamente em Portugal o pianista brasileiro, sr. Carlos de Mesquita. Para 25 d'este mez annunciou um concerto no Porto, em que teve a collaboração, em peças a quatro mãos, do conhecido compositor francez Lucien Lambert, quen' aquella cidade se encontra de passagem.

\* \* \*

O nosso illustre amigo e collaborador, sr. Ernesto Maia, vae passar na Allemanha o proximo mez de Outubro.

Desejamos-lhe uma viagem cheia d'encantos e um regresso feliz.

\* \* \*

O ultimo numero do *Boletim da Associação de Classe dos Musicos Portuguezes* contém o relatorio dos trabalhos realizados no Congresso e outros artigos de interesse para a classe.

Agradecemos o exemplar enviado.

\* \* \*

O eximio professor portuense e nosso amavel collaborador, sr. B. V. Moreira de Sá, tem publicado no *Primeiro de Janeiro*

L.

uma serie de interessantes artigos sobre a *Gymnastica Rythmica* e os cursos de Jacques Dalcroze.

\* \* \*

Em uma *enquête* aberta pelo *Monde Musical* sobre a condição social do musico na Europa e na America, tomou a palavra o nosso distincto collaborador e amigo, sr. Alfredo Pinto (Sacavem) para definir, em breves considerandos, a situação financeira e artistica dos musicos portuguezes.

E' no numero de 15 d'este mez d'aquella excellent revista parisiense que se encontra o artigo do illustre critico.

\* \* \*

Está momentaneamente de regresso em Lisboa o notavel professor Colaço, que com suas interessantes filhinhas, tem dado alguns esplendidos concertos na provincia.

A 29 d'este mez apresentaram-se os symphatics artistas no Estoril, tencionando dar em seguida um sarau em Cascaes. Em principio de novembro irão ao Porto e Coimbra e por meados d'esse mez tem já um concerto contratado em Evora.

\* \* \*

Os amadores do Porto, que os ha numerosos e muito esclarecidos, terão occasião de applaudir em novembro proximo o celebre *Double Quintette* de Paris, que está escripturado pelo *Orpheon Portuense* conjunctamente com o laureado pianista Georges de Lausnay, para dar duas sessões em 13 e 14 d'esse mez.

Consta-nos tambem que o mesmo grupo de artistas voltará ao Porto em abril de 1914.

\* \* \*

No proximo dia 14 realisa o professor Carlos de Mesquita, na sala Lambertini, o seu concerto annual.

Tem este anno a collaboração de uma distincta cantora italiana, Rosa di Vito, que de passagem se encontra entre nós.

## ESTRANGEIRO

Entre as ultimas edições para violino, merece um lugar áparte a transcripção que acaba de publicar o compositor valenciano, sr. J. Salvador Marti, de uma sua obra orchestral, *En el Guadalquivir*.

E' composição muito caracteristica e brilhante.

\* \* \*

As proximas representações wagnerianas de Bayreuth terão logar durante o estio de 1914. Cantar-se-hão o *Annel*, o *Parsifal* e o *Navio fantasma* com uma nova *mise-en-scène*.

\* \* \*

O professor Augusto Enna está terminando uma nova opera, *Gloria Arsena*, cuja acção se passa durante a revolução franceza.

A nova peça será estreada no proximo inverno em Copenhague.

\* \* \*

O tenor Caruso passou o verão na sua *villa* de Bellosguardo, recentemente adquirida em Italia. E' uma vivenda principesca, rodeada de um enorme parque, com arvores centenarias, columnatas e obras d'arte, onde o famoso cantor se entrega durante uns mezes á vida calma e descansada de opulento *gentilhomme campagnard*.

Caruso tem diversas propriedades d'esse genero; é um luxo que se pode bem pagar quem ganha o melhor de 2 contos e meio em cada noite que canta, alem de 12 contos mensaes do gramphone.

\* \* \*

As conhecidas fabricas de pianos, Pleyel e Gaveau, obtiveram o *grand prix* na Exposição internacional de Gand.

\* \* \*

Estão projectadas commemorações verdianas em quasi todas as cidades da Italia, e d'ellas nos temos occupado em numeros precedentes.

A data justa do centenario do nascimento do grande artista é 9 de Outubro.

\* \* \*

Uma das novidades annunciadas para a Opéra-Comique de Paris é a *Francesca da Rimini* de Franco Leoni.

\* \* \*

Já foi remetido de Genova para S. Francisco da California o monumento a Verdi, que a colonia italiana d'esta ultima cidade havia encommendado ao escultor Orazio Grossoni.

O monumento consiste em um busto em bronze, acompanhado de um grupo alle-

gorico e montado sobre um grandioso pedestal de marmore preto e vermelho.

Pesa cincoenta e duas toneladas e o transporte foi feito gratuitamente, tanto pela companhia de navegação que o levou para Nova York, como pelos caminhos de ferro americanos que o conduziram até a estação destinatária.

\* \* \*

As oito representações da *Aida* nas novas arenas de Verona tiveram um brilhante exito, tanto artisticamente, como sob o ponto de vista financeiro. Produziram uma receita de 60 contos da nossa moeda.

\* \* \*

No Scala de Milão o *Parsifal* terá a sua primeira representação em 1 de Janeiro de 1914, começando o espectáculo ás 5 horas da tarde. Depois de cantado o primeiro acto do poema wagneriano, que não leva menos de duas horas, haverá um intervallo de outras duas horas para que os espectadores possam jantar.

\* \* \*

A bibliotheca do theatro da Opera de Paris vae enriquecer-se com uma secção muito curiosa, que constará exclusivamente dos autographos das obras representadas na grande scena parisiense.

O archivista, Antoine Banès, a quem se deve essa iniciativa, tem já em seu poder um grande numero de obras para esta secção, cedidas pelos proprios auctores ou pelos seus herdeiros.

\* \* \*

A epoca lyrica do theatro Rossini, de Veneza, começará em meiado de outubro para terminar em 8 de dezembro. No repertorio figuram como novidades duas operas do maestro Andrea Ferreto, *La Violinata* e *Idillio tragico*.

\* \* \*

Para a direcção do Conservatorio de Palermo, está indicado o conhecido compositor Francisco Cilea, auctor da *Adriana Lecoureur* e d'outras operas.

\* \* \*

A illustre cantora sueca Christina Nilsson, que reside actualmente em Menton

(França) completou ha pouco o seu 70.º anniversario.

Como se sabe, a Nilsson foi uma das mais famosas artistas lyricas do ultimo seculo, ao lado da Patti e de outras celebridades.

\* \* \*

Uma nova revista franceza, *Paris-Berlin*, que se publica n'esta ultima cidade, tomou a iniciativa de uma grande *matinée* musical que teve logar em 28, e em que, alem da Orchestra Philharmonica, se apresentou o notavel artista francez Camilo Saint-Saëns.

O programma foi exclusivamente composto de obras francezas.

\* \* \*

Mais uma operetta austriaca, *O Principe Casimiro*, de Ziehrer, teve ultimamente em Vienna um successo retumbante.

Ziehrer é um velho musico, cujas composições — operettas, valsas, etc. — são muito populares na capital austriaca.

\* \* \*

Em Berlim fundou-se um novo quarteto, com Henri Marteau como director e primeiro violino. Os restantes artistas são Hugo Kramm, segundo violino, Licco Amar, violeta e Georgesco, violoncello.

Annuncia-se para breve uma serie de quatro concertos de musica de camara, em que se estreiará este novo grupo.

\* \* \*

Na presença do rei Frederico Augusto de Saxe, inaugurou-se este mez o novo Theatro Real de Dresde com uma representação de gala, a que assistiram toda a côrte e as pessoas mais gradas d'aquella cidade.

\* \* \*

Hans Richter, o famoso *Kapellmeister* wagneriano, que, como se sabe, se retirou da vida artistica e se fixou em Bayreuth, tem declinado as mais vantajosas propostas para assumir a direcção do *Parsifal* em varias scenas lyricas.

\* \* \*

*Os olhos mortos*, nova opera de Eugen d'Albert, terá a sua primeira representação em Colonia, durante as festas que ali se realisam em maio.